

TÍTULO:
CARTAS DE PAULO FREIRE A UMA CRIANÇA: ENTRE GUARDAR E PUBLICAR

Cristina Lacllette Porto – Instituto Superior de Educação Pró-Saber – ISEPS-RJ
cristinalaquetteporto@gmail.com

Denise Sampaio Gusmão - Instituto Superior de Educação Pró-Saber – ISEPS-RJ
denisegusmao@globocom.com

Resumo

Este artigo se inscreve no eixo *a experiência da infância e a infância como experiência*. Tem como ponto de partida o encontro de duas pesquisadoras com um tesouro guardado por Nathercia Lacerda, desde os 9 anos de idade: cartas de Paulo Freire escritas e enviadas do exílio para ela e que resultaram na publicação do livro *A Casa e o Mundo lá Fora: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha* (LACERDA, 2016). O objetivo é apresentar a metodologia da pesquisa desenvolvida, que teve a fotografia como recurso privilegiado. Em diálogo com o pensamento de Walter Benjamin (1994;1995), Hannah Arendt (1987; 2003), Boris Kossoy (2001; 2007), Paulo Freire (1994) e Madalena Freire (2008), foi empreendida uma arqueologia por várias camadas de memória superpostas, que guardavam vestígios do tempo. As autoras trazem reflexões sobre os possíveis sentidos da linguagem utilizada por Paulo Freire nessa correspondência e que concepção de infância pode se depreender dessa análise. Explicitam porquê insistiram tanto para que as cartas escritas por ele a uma criança, em tempos sombrios, ressoassem hoje no mundo. O texto está organizado em 3 camadas: a pesquisa, as cartas e o livro. Com a ajuda das amigas-pesquisadoras, Nathercia foi incentivada a voltar às cartas, e, como uma arqueóloga benjaminiana (SELIGMANN-SILVA, 2003), reaproximar-se do passado para começar a revolvê-lo. As pesquisadoras sugeriram que fotografias do álbum de família fizessem parte do processo de escavação (BENJAMIN, 1995) e fossem tomadas como fonte de informação e emoção (KOSSOY, 2001). Do solo revolvido, a memória emergiu com força, revelando o quanto havia de coletivo naquelas lembranças que, a princípio, pareciam interessar somente a Nathercia e sua família. O encontro com Madalena, uma das filhas de Paulo e educadora, foi fundamental, pois desvelou aspectos menos visíveis àqueles que não tiveram com ele a mesma convivência. Por meio de uma leitura singular, ela nos levou a acessar elementos preciosos dessa correspondência, que, até então, havia sido apenas mencionada por Paulo Freire, no livro *Cartas à Cristina* (FREIRE, 1994), mas nunca mostrada. Tornou-se interesse de nós quatro fazer com que crianças, que desconhecem Paulo Freire, tivessem acesso ao resultado dessa aventura. A partir desse desafio, Nathercia reconectou-se com Nathercinha e, a casa da avó, lugar que permitiu a aproximação entre ela e Paulo, tornou-se o fio condutor para a elaboração de um texto que, entremeado por fotografias, acabava por levar o leitor até as cartas. O livro torna-se uma oportunidade de ler as cartas e consolida-se como uma forma inédita de revelar o educador se comunicando com uma criança. A publicação do livro nasceu do desejo de partilhar com o mundo o que consideramos um tesouro, mas também do desejo de guardá-lo: “Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado” (CÍCERO, 1996). As cartas de Paulo Freire à Nathercinha não estão mais guardadas apenas por Nathercia, mas pelo livro. É ele agora que as vigia, isto é, “faz vigília por elas”. É o livro que guarda “o que se quer guardar” (CÍCERO, 1996).

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Arqueologia da Memória, Paulo Freire.

Guardar

Antonio Cicero

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vô de um pássaro
Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

1. A menina que escreve e guarda

Este artigo tem como eixo principal o encontro de duas pesquisadoras com um tesouro guardado por Nathercia Lacerda, desde os 9 anos de idade: cartas de Paulo Freire escritas e enviadas do exílio para ela, durante a ditadura militar no Brasil e que resultaram na publicação, pela editora Zit, do livro *A Casa e o Mundo lá Fora: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha* (LACERDA, 2016).

A revelação feita, quase ao acaso, ressoou intensamente em nós, que, tendo cursado o doutorado no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, sob a orientação de Solange Jobim e Souza, nos aprofundamos, em nossas teses, sobre os estudos da infância, da memória e sobre a produção da subjetividade no mundo contemporâneo.

Como leitoras de Benjamin, compreendemos a infância como uma categoria social. Kramer (1996) destaca que o autor revela, em sua obra, um profundo e sensível conhecimento sobre a criança, pois vê a criança na história, criando cultura e sendo parte dela: “Assim, infância remete à fantasia, à imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história passada, presente e futura” (KRAMER, 1996, p. 36).

Pensar nos modos como a criança vê o mundo com seus próprios olhos, possibilita-nos vislumbrar uma outra ótica da infância. E, com as contribuições recentes, vindas dos campos da sociologia, antropologia e psicologia para os estudos da infância, encontramos

caminhos teórico-metodológicos de pesquisa, que permitem a aproximação dos modos como as crianças são inseridas em uma rede social mais ampla e a análise de como, através do desenvolvimento da comunicação e da linguagem, na interação com os outros, constroem suas visões de mundo, inventam modos de ser e de produzir cultura (PORTO, 2010).

Como pesquisadoras, buscamos indagar a todo o momento, como se dão as relações entre adultos e crianças para compreender o que emerge dos diálogos entre as diferentes gerações e como podemos depreender concepções de infância e de educação.

Ao sabermos da existência das cartas, identificar o que ficou de Paulo em Nathercinha e o que ela teria representado para ele tornou-se um enigma a ser decifrado.

No entanto, antes mesmo de ter as cartas nas mãos pela primeira vez, nosso pensamento se voltava para a menina Nathercinha que, de mãos dadas com Nathercia, vinha ao nosso encontro. Se teríamos acesso a cartas de Paulo Freire escritas a uma criança no final dos anos 60, foi porque, ao escrever ao primo Paulo, ela iniciou uma correspondência com aquele que só mais tarde entenderia ser o grande educador.

Essa correspondência, até então desconhecida do público, havia sido mencionada por Paulo, no livro *Cartas à Cristina* (FREIRE, 1994, p. 28), mas nunca mostrada:

Antes de Cristina, no meu primeiro momento de exílio, o do Chile, após dois meses na Bolívia, tive outra correspondente, Nathercinha, prima de Cristina. Compartilhei com ela o espanto e a alegria de criança, em que de novo me tornava, quando vi pela primeira vez, a neve em Santiago, nas proximidades da cordilheira onde morávamos, mas também quando fui para a rua com meus filhos para ‘meninizar-me’, fazendo bolas de neve e expondo-me inteiro à brancura que caía em flocos sobre a relva, sobre meu corpo tropical (FREIRE, P., 1994, p. 28).

Nathercinha e Nathercia guardaram, durante quase cinquenta anos, as cartas de Paulo Freire vindas do Chile e Estados Unidos, entre os anos de 1967 e 1968. Não sabemos aonde estão as cartas que Nathercinha escreveu para Paulo Freire. Quem sabe um dia elas também venham ao nosso encontro...



Figura 1: Nathercinha/Nathercia (Ilustração de Bruna Assis Brasil)

2- As cartas e a casa: arqueologia e delicadeza

A existência destas cartas nos provocou muita alegria e emoção e nos convocou à ação. Ficamos profundamente tocadas por ambos os gestos: o da menina Nathercinha, que em um movimento de abertura, escreve para seu primo adulto, tão longe de casa e o de Paulo, que acolhe Nathercinha e conversa com ela.

Iniciamos então, em diálogo, sobretudo, com o pensamento de Walter Benjamin, Boris Kossoy e Madalena Freire, um processo de pesquisa sem vislumbrarmos, de antemão, seu resultado e, muito menos, se e como seria compartilhado. Como pesquisadoras voltadas ao tema da memória social e coletiva, entendemos que as cartas, embora vindas de um acervo individual, estavam destinadas a ir para o mundo, alcançar outros destinatários, outras gentes...

Mas, para isso, era preciso que essa história fosse contada, pois concordamos com Bosi (2003) que:

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta (BOSI, 2003, p. 69).

E, novamente com Benjamin (1995), partimos da premissa de que “vivemos sobre uma terra fértil com camadas superpostas que guardam vestígios do tempo que podem ser conhecidos, pesquisados e decifrados. Esse solo de memórias, quando escavado, nos ajuda a viver o tempo presente” (GUSMÃO e PORTO, 2016. In: LACERDA, 2016, p. 13).

Foi então que instigamos Nathercia a atravessar as várias camadas do tempo ao encontro de Nathercinha. Para a construção metodológica dessa escavação, a imagem de uma “arqueologia da memória” foi inspiradora e Nathercia foi incentivada a agir como uma arqueóloga benjaminiana (SELIGMANN-SILVA, 2003).

Mas, “o terreno da memória é delicado nele mesmo, por isso exige também delicadeza da parte daquele que se aventura a escavá-lo” (GUSMÃO e JOBIM E SOUZA, 2008, p. 30). Foi, portanto, com cuidado e humildade que demos início ao processo arqueológico em torno das cartas.

Em nossas investigações, a fotografia esteve muito presente, atuando como uma grande aliada da memória e disparadora de lembranças, pois como afirma Kossoy (2001): “fotografia é memória e com ela se confunde” (p. 156).

Sugerimos que Nathercia garimpasse seu acervo de família e reunisse fotografias, documentos e objetos. A cada encontro, personagens e acontecimentos ganhavam contorno para nós duas, ao mesmo tempo que Nathercia lembrava-se de outros, em função de nossa curiosidade.

As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas. Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades (KOSSOY, 2007, p. 147).

Do solo revolvido, a memória emergiu com força, revelando o quanto havia de coletivo naquelas lembranças que, numa primeira visada, pareciam interessar somente a Nathercia e sua família.

Logo em seguida, convidamos Madalena, uma das filhas de Paulo e educadora, para participar do processo. Testemunhamos deliciosas conversas entre as primas, permeadas de espanto, risos, apelidos regionais, cores e sabores.



Figura 2: Madalena Freire e Nathercia: da arqueologia da memória ao livro publicado

Na releitura das cartas, em particular, a presença de Madalena foi fundamental, pois foi possível desvelar aspectos pouco visíveis que indicavam o desejo de Paulo Freire de se comunicar com uma criança. Abrir brechas em seu cotidiano atribulado para escrever para Nathercinha deve ter sido mesmo um desafio, pois foi durante o exílio no Chile (1964 - 1969) que os livros *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática da Liberdade* foram escritos. Outros elementos sublinhados por Madalena foram: a) o capricho na letra; b) o cuidado revelado ao fazer questão de responder as cartas enviadas por Nathercinha; c) a escolha das palavras; d) o modo como mostra e amplia o mundo em diálogo com ela.

Achei ótimo que você se lembrasse de me escrever. Recebi também uma carta, tão bonita quanto a sua, de Ana Clara. Será muito bom quando um dia você puder vir a Santiago. Então, não só você conhecerá outro pedaço do mundo, como verá outras gentes, que falam outra língua que não é a sua, que têm outros costumes. Mas, sobretudo, você verá a nós e nós a você. E, então, conversaremos sobre muitas coisas e você fará passeios e verá a Cordilheira dos Andes, muito alta, muito bonita (FREIRE, P., 1967 *apud* LACERDA, 2016, p. 50).

Nas duas primeiras cartas, ele teve o cuidado de se colocar como um próximo, apesar da diferença de idade. Aos poucos, foi se diferenciando como adulto, sem perder o pé de igualdade entre os dois. Assim, ele assume que introduzir as crianças ao mundo é parte das responsabilidades dos adultos. A correspondência entre Nathercinha e Paulo Freire (seu primo) mesmo tratando-se da troca de cartas, retrata muito dessa relação do adulto responsável que, paulatinamente, apresenta o mundo à criança.

Em todas as cartas, Paulo remete-se à geografia do lugar em que estava. Nas primeiras, conta sua experiência com a neve, que “parecia poeira do céu”, e aponta o quanto esse conhecimento o “fazia menino de novo”. Desde o início, chama a atenção de Nathercinha para o mundo diferente em que ele estava: a geografia, a natureza, as pessoas, a cidade. Assim ele introduz a ideia de que o mundo é maior do que o que ela estava acostumada. Aos poucos se coloca no lugar do adulto que abre um mundo maior para a criança.

Ele compara o maravilhamento com a neve ao que provavelmente Nathercinha costumava vivenciar ao ganhar uma boneca dos pais. Aconselha que ela cresça sem deixar morrer aquela menina que começava a descobrir o mundo, cheia de curiosidade e que lhe escrevia. Assim, ele coloca-se em nível de igualdade na experiência vivida, mas também, numa linguagem simples, indica um motivo maior:

A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças (FREIRE, P. 1967 *apud* LACERDA, 2016, p. 57).

Os homens atrapalham as coisas, complicam tudo, quando esquecem a criança que tem dentro de si. Ao longo da correspondência, seu prazer em receber e escrever cartas é reafirmado assim como lhe são caras as conversas com os amigos. Paulo não nega o mundo dos adultos e não nega o mundo da infância.

É muito bonito tudo isso. Às vezes eu me sinto como se fôsse um menino também. Tenho vontade de correr. De brincar. De cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver. Você nunca deixe morrer em você a Nathercinha de hoje. A menina que você é hoje deve acompanhar a mocinha que você vai ser amanhã e a mulher que será depois (FREIRE, P. 1967 *apud* LACERDA, 2016, p. 55).

Paulo “meniniza-se” para falar de seu amor à vida e ao mundo, mas também convida Nathercinha a crescer e a ficar alerta para o que precisa ser transformado. Com muita delicadeza, chama atenção não só para suas alegrias, mas também para suas dores.

Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que tôdas as crianças possam rir. Porque hoje não são tôdas as que podem rir. Rir não é só abrir ou entreabrir os lábios e mostrar os dentes. É expressar uma alegria de viver, uma vontade de fazer coisas, de transformar o mundo, de amar o mundo e os homens, sômente como se pode amar a Deus (FREIRE, P. 1967 *apud* LACERDA, 2016, p.57).

Daí em diante, ao lado das notícias mais recentes, aproveita para falar da seca que ameaçava a população chilena de fome. A menção às viagens pela Europa é um convite para Nathercinha explorar mapas e ficar curiosa para conhecer outros países, mas também para falar dos estudos e dos deveres. Na última carta, enviada de Cambridge, em 1969, justifica a interrupção das cartas por motivos de muito trabalho, mas, ao mesmo tempo, coloca-se outra vez como igual, pois admite que Nathercinha também deve ter tido seus deveres e estudos. Ao defender um equilíbrio entre o ato de estudar e o de brincar confere a mesma importância às duas atividades - Eu estou trabalhando, esse é o meu estudo; você brinca e estuda, esse é o seu trabalho.

O novo endereço na cidade universitária de Harvard traz novos desafios para ele e para a família. O inverno lá é muito mais frio do que o experimentado no Chile e torna a adaptação ainda mais difícil. E, para surpresa da menina, dentro do envelope, está também uma fotografia da chegada do homem à lua.

Ao longo dessa correspondência, notamos que, no contraponto às novidades, o educador traz sua própria infância e deixa claro sua curiosidade sobre a infância da prima carioca. Desse modo, é aberto um espaço para a troca de experiências sem que, no entanto, as diferenças entre ser adulto e ser criança sejam apagadas.

Ao final dessa correspondência, é possível perceber que ele trata da beleza e das dores do mundo para afirmar a possibilidade que os homens têm de fazer coisas, de amar e de transformar o mundo.

As cartas, a nosso ver, trazem a concepção de infância de Paulo Freire expressa na forma como se comunica com essa criança em particular e como, sem perder a ternura, o educador declara seu amor à vida e à humanidade.

3- Por isso se publica: As cartas no mundo lá fora

Na leitura coletiva das cartas, dos documentos e das fotografias reunidas por Nathercia, ficou evidente para todas as envolvidas, que não só deveríamos garantir que outras pessoas soubessem da existência deste precioso acervo, mas que, sobretudo, as crianças pudessem ter acesso ao resultado de nosso percurso.

A partir desse desafio, Nathercia reconecta-se com Nathercinha. A casa da avó, lugar onde a família, Paulo e ela costumavam se encontrar, torna-se o fio condutor para a elaboração de um texto que, entremeado por fotografias, acaba por levar o leitor até as cartas

Nathercia escreve sobre sua infância na Urca, e seguindo o conselho de Paulo, mergulha em suas memórias, buscando ressignificar o caminho percorrido por ela até o presente. Ao reconstruir suas origens, reconhece de que modo elas marcaram sua identidade: “A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim, de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente” (FREIRE, M., 2008, p. 55). No entanto, o livro, depois de finalizado, só veio ao mundo, quando a editora literária Laura Van Boekel apostou na proposta e sugeriu Bruna Assis Brasil para elaborar o projeto gráfico. Buscamos trazer à tona as cartas para o presente, considerando que elas têm algo a dizer para as crianças de hoje.

O diálogo entre a narrativa de Nathercia, as cartas, as fotografias e as ilustrações de Bruna Assis Brasil fazem emergir possibilidades de leitura que vão além da história de uma família específica.

Ao narrar seu tempo de criança, a autora convida o leitor a fazer o mesmo. Assim como a infância de Paulo aparece no contraponto a infância de Nathercinha, outras diferentes infâncias passam a ser lembradas e narradas a partir do texto. As cartas de Paulo Freire para Nathercinha vão além de um tempo e espaço determinados. Instigam que cada

ouvinte ou leitor se envolva com a experiência narrada e fique com desejo de narrar sua própria experiência.

Paulo Freire aposta na comunicação como alternativa para o empobrecimento da experiência, sinalizado por Walter Benjamin (1987). E, Nathercia já adulta, segue o conselho de dar continuidade às histórias narradas, sem perder de vista a menina e a moça que foi um dia.

Em uma resposta escrita para Paulo, no tempo presente, ela mostra que esse diálogo é infinito e pode ser retomado pela escrita.

A menina que você conheceu segue comigo com vivacidade. Em meu trabalho com crianças, o que mais gosto é de peraltar brincadeiras e histórias em escolas, praças, ruas, pátios, quadras, chãos de terra, de areia, de grama, de cimento e de asfalto, junto com muitas gentes: amigos de caminhada, crianças, professores, famílias, mais velhos (que guardam saberes aprendidos na lida dos dias), quilombolas, caiçaras, indígenas... Muitas gentes.
Estou feliz em voltar a escrever para você depois de tantos anos!
Aguardo notícias suas em uma folha que cai, em um voo de pássaro ou em um desabrochar de flor em minha janela (LACERDA, 2016, p. 77).

Lançado, em julho de 2016, o livro passou a circular. Desde então, as trocas que vêm ocorrendo a partir de sua leitura têm evidenciado que esse tipo de narrativa, que entrelaça texto e imagem tem uma força surpreendente, que merece ser cada vez mais valorizada.



Figura 3: Lançamento do livro A Casa e o Mundo lá Fora: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha no Salão FNLIJ, junho de 2016

O livro traz as cartas, os textos e as fotografias em forma de ilustração e permite o entrelaçamento da memória individual com a memória coletiva, provocando o alargamento da experiência e acessando o que Arendt (2003) chama de “dimensão de profundidade na existência humana”:

Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a

profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação (ARENDDT, 2003, p. 131).

Pensar a relação entre memória e profundidade (Arendt, 2003) nos leva a contemplar uma dimensão essencial de nossa humanidade. Uma das faces da barbárie se reflete na circulação de uma visão de homem calcada no mercado, em que predomina o sujeito do consumo, descartável e esquecido de si (GUSMÃO, 2009).

Entendemos que era nosso papel contribuir para que as cartas escritas por ele a uma criança ressoassem hoje no mundo. Enquanto pesquisadoras-professoras enxergamos nas cartas de Paulo Freire à Nathercinha um “legado de delicadeza” (GUSMÃO, 2009) contra a barbárie que nos assola e espreita a todo instante.

Voltar ao passado com os olhos do presente. Ver o presente com o olhar do passado para nos apropriarmos do que defendemos hoje na construção do futuro que acreditamos. [...] Passado e presente quando apropriados, pensados, gestam a consciência pedagógica e política, gestam o sonho que buscamos (FREIRE, M., 2008, p. 54).

No livro *A Casa e o Mundo lá Fora: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha* (LACERDA, 2016), Nathercia generosamente compartilha com o mundo, este mundo que Paulo Freire tão lindamente lhe apresentou e a estimulou a conhecer, seu precioso tesouro de menina. A publicação do livro nasceu do desejo de partilhar este tesouro, mas também do desejo de guardá-lo: “Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado” (CÍCERO, 1996, p.2).

As cartas de Paulo Freire à Nathercinha não estão mais guardadas apenas por Nathercia, mas pelo livro. É ele agora que as vigia, isto é, “faz vigília por elas”. É o livro que guarda “o que se quer guardar” (CÍCERO, 1996, p.2).

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**: obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CÍCERO, A. **Guardar**: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- FREIRE, M. **Educador**: educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GUSMÃO, D., JOBIM E SOUZA, S. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. In: **Psicologia & Sociedade**. 20ª Edição Especial: 24-31, 2008.

- GUSMÃO, D. **Narrativa, testemunho e delicadeza:** a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. 2009. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia da PUC-Rio de Janeiro/RJ, Rio de Janeiro, 2009.
- GUSMÃO, D., PORTO, C. Queridos Leitores. In: LACERDA, N. **A casa e o mundo lá fora:** cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Zit, 2016.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- KRAMER, S. Pesquisando Infância e Educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (Orgs.) **Fios e desafios da pesquisa.** Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- LACERDA, N. **A casa e o mundo lá fora:** Cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: ZIT, 2016.
- PORTO, C. L. **Álbuns de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica:** memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi. 1995. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia da PUC-Rio de Janeiro/RJ, Rio de Janeiro, 2010.
- SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.